

A RECEPÇÃO DE GUIMARÃES ROSA PELA REVISTA *TENDÊNCIA*

Nilze PAGANINI¹

RESUMO

De 1957 a 1962, foi editada, em Belo Horizonte, por Affonso Ávila, Fábio Lucas e Rui Mourão, a revista *Tendência* que se propunha, entre outras coisas, a buscar formas literárias que correspondessem à consciência nacional, como afirma o primeiro editorial da publicação. Entre os textos publicados, podemos encontrar ensaios, resenhas e transcrição de artigos de outros autores. Guimarães Rosa, cuja obra mereceu reconhecimento e rápida recepção por parte dos membros da revista, foi um dos escritores mais citados. Este texto pretende mostrar de que forma ocorreu essa recepção e a avaliação de Guimarães Rosa por uma publicação que se pretendia de vanguarda.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção; Modernismo; ficção; nacionalismo

ABSTRACT

From 1957 to 1962, the magazine *Tendência* was edited by Affonso Ávila, Fábio Lucas and Rui Mourão in Belo Horizonte. One of its purposes was to look for literary forms which had correspondence with the “national consciousness” as we can read in the presentation of its first number. Among the published texts, we can find essays, reviews and the transcription of articles from different authors. Guimarães Rosa, whose work received recognition and a rapid reception from the members of the magazine, was one of the most mentioned writers. This text intends to show how that reception occurred and how Guimarães Rosa was evaluated by a publication that considered itself as belonging to the avant-garde.

KEYWORDS: Reception; Modernism; fiction; nationalism

De 1957 a 1962, Affonso Ávila, Fábio Lucas e Rui Mourão editaram, em Belo Horizonte, a revista *Tendência* que se propunha, entre outras coisas, buscar formas literárias que correspondessem à consciência nacional, como afirma o primeiro editorial da publicação. Entre os trabalhos realizados pelos editores, constava o ensaio e a apreciação de livros de outros autores, bem como a inclusão de poemas e trechos ficcionais que talvez pudessem servir de exercitação para o que tentavam construir. Entre os autores mais citados nesse periódico, encontrava-se Guimarães Rosa, cuja obra mereceu rápida e boa aceitação por parte dos responsáveis pela revista.

A publicação, que pretendia ser de vanguarda, não passou de quatro números, mas desde o primeiro, lançado em agosto de 1957, Guimarães Rosa foi lembrado e, com exceção de *Tendência* 3, o escritor apareceu em todos eles. Se considerarmos que, inicialmente, o reconhecimento de sua obra não foi, de modo algum, uma unanimidade, podemos afirmar que *Tendência* soube enxergar com rapidez o grande valor de Guimarães Rosa e contribuiu para a sua divulgação. Vejamos como isso aconteceu.

No número 1, na seção “Depoimentos”, tendo como subtítulo “A literatura nacional perante a crítica”, há uma série de pequenos textos, de vários autores, compilados de jornais diversos. Entre eles, encontra-se o comentário de Euryalo Cannabrava para o *Diário de Notícias*, no qual trata de *Corpo de baile*, edição de 1956, da José Olympio:

Trata-se de autêntica redescoberta do sentido original das palavras, no momento exato em que elas foram forjadas pelo povo. Não há artifício algum nessa linguagem primeva, cujas raízes se metem pela terra dura dos campos gerais.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - PUC - Minas.

O dialeto brabo, pouco a pouco, transforma-se em saga nórdico [sic], com tonalidade e ampliações conotativas de canto homérico. O autor associa a universalidade ao regionalismo no plano estético, retirando efeitos rigorosamente inéditos da mistura do estilo poético e da prosa literária. O leitor, muitas vezes, pergunta-se a si mesmo se o autor está escrevendo prosa ou poesia, de tal maneira se entrelaçam o sentido narrativo e o lírico no desenvolvimento dos temas (TENDÊNCIA, 1957, p. 73-74).

A apreciação torna-se interessante quando contrastada com a de Antonio Candido, extraída de “O Estado de São Paulo”, sobre *Grande sertão: veredas*, edição de 1956:

Há no livro uma estratificação de interesses, combinados e organizados a cada passo pelo autor na trama expositiva – do pitoresco regional à preocupação moral e metafísica. Mundo diverso da ficção regionalística, feita quase sempre “de fora para dentro” e revelando escritor simpático, compreensivo, mas separado da realidade essencial do mundo que descreve; e que enxerta num contexto erudito elementos mais ou menos bem apreendidos da personalidade, costumes e linguagem do homem rústico, obtendo *montagens*, não a integração necessária ao pleno efeito da obra de arte.

Em *Grande sertão: veredas*, o aproveitamento literário do material observado na vida sertaneja se dá “de dentro para fora”, no espírito, mais que na forma. O autor *inventa*, como se, havendo descoberto as leis mentais e sociais do mundo que descreve, fundisse num grande bloco um idioma e situações artificiais, embora regidos por acontecimentos e princípios expressivos potencialmente contidos no que registrou e sentiu. Sob este aspecto, ao mesmo tempo de *anotação e construção*, lembra os compositores que infundiram o espírito dos ritmos e melodias populares numa obra das mais requintada fatura, como Bela Bartók (TENDÊNCIA, 1957, p. 76).

É evidente que o primeiro crítico tomou o trabalho de linguagem de Guimarães Rosa como uma transposição do real sertanejo, ao passo que Antonio Candido viu a invenção, a criação da obra de arte compondo um sentido verossímil dentro do universo do romance.

Os editores de *Tendência* não comentaram os textos aproveitados de outros periódicos e tampouco informaram as datas das publicações originais. De qualquer forma, acolheram pontos de vista representativos do tipo de recepção que a obra rosiana proporcionou e que até hoje permite: de um lado, uma análise que percebeu/ percebe *Grande sertão: veredas* como obra regionalista de alcance universal, dialogando com a tradição do ocidente e mesclando prosa e poesia; de outro lado, uma leitura que procurou/procura e encontrou/encontra nuances da extrema sofisticação do romance que vão muito além daquela possibilidade. É obvio, porém, que a publicação desses dois comentários altamente favoráveis a Rosa evidencia o privilégio dado pelos editores às opiniões com as quais simpatizavam. Prova disso é que no mesmo número da revista, na seção “Registro de Livros”, Rui Mourão publicou uma resenha sobre *Grande sertão: veredas*, utilizando-se também da edição de 1956 de José Olympio e nela teceu altos elogios a Guimarães Rosa. Mourão classificou *Grande sertão: veredas* de excepcional e percebeu que essa obra demandaria ainda muitos anos para que fosse entendida a sua “exata significação”. Nesse texto, Mourão interpretou a obra de Rosa como uma “desmontagem de estrutura do romance tradicional e europeu que se apresentava como um elemento constrangedor na abordagem da psicologia do brasileiro”. No entanto, considerou que a questão do jagunço tenha ficado mais no plano literário, sem “a indicação das razões sociais e sociológicas determinantes dessa forma de vida” (TENDÊNCIA, 1957, p. 85).

Guimarães Rosa também foi comparado, por ele, a Machado de Assis. Enquanto Machado teria realizado “sua obra sintetizando o que havia de melhor no passado, Guimarães Rosa representa a quebra de todos os padrões, mas não surgiu isolado dentro do fenômeno literário brasileiro e está bem dentro da tradição do nosso regionalismo” (TENDÊNCIA, 1957, p. 85). Para Rui Mourão, Rosa tinha esgotado a ficção regionalista, fechando um ciclo. Tudo que viesse depois dele seria mera repetição.

Ao encerrar sua crítica, Mourão afirmou que o instante por que passava a literatura brasileira coincidia com a aceleração da industrialização e o conseqüente êxodo rural. Para ele, “o verdadeiro romance brasileiro” estava “por ser escrito” e, num prognóstico futurista previa:

Ele não isolará nem o campo, nem a cidade, porque será a epopéia da vida nacional em que os interesses do campo vêm colidir com os interesses da cidade, e vice-versa, de acordo com o movimento de expansão nacional e nosso atual espetáculo de alienação do homem (TENDÊNCIA, 1957, p. 86).

Como se vê, Rui Mourão demonstrava uma grande preocupação com os aspectos sociais e a visão de uma literatura engajada despontava em seus textos, sem que ele utilizasse tal denominação para caracterizar o que preconizava.

Em *Tendência* 2, de julho de 1958, Fábio Lucas citou Guimarães Rosa no ensaio “Literatura nacional: problemas”. Para Lucas, ao promover o sertão do Urucuia a tema nacional, Guimarães Rosa “enriquece a nossa geografia espiritual de nova área e incorpora à consciência literária nacional um valor novo e inestimável” (TENDÊNCIA, 1958, p. 85).

Na seção “Depoimentos”, desse mesmo número, foi impresso um trecho da crítica de Franklin de Oliveira, escrita para o *Correio da Manhã*, do Rio, intitulada “Os valores espirituais na ficção nacional”. Nele, Guimarães Rosa recebeu o seguinte destaque:

Somente hoje iniciamos o processo de transcendentalização de nossa literatura, de incorporação à ficção brasileira dos altos valores espirituais, expressos na novelística do sr. João Guimarães Rosa, sobretudo em *Corpo de baile*, cujo sentido metafísico foi captado pelo sr. Paulo Rónai, em ensaio que honra e dignifica a crítica brasileira. E ainda em seu romance *Grande sertão*, de cuja difícil e múltipla complexidade temática destaca-se a transladação do *leit-motiv* fáustico para a grossa hinterlândia geralista (TENDÊNCIA, 1958, p. 101).

Na página seguinte, Oswaldino Marques, em texto transposto de *A seta e o alvo*, fez muitos elogios a Rosa, colocando-o “no pólo oposto a, por exemplo, Coelho Neto, ou mesmo Euclides da Cunha, estilistas preocupados (do ponto de vista formal) quase só com a pomposidade externa da frase e escravos incondicionais dos preceitos da velha retórica”. Oswaldino Marques afirmou ainda que manteve conversas com Guimarães Rosa “para elucidação de dúvidas, surgidas durante o exame dos textos” e reconheceu o escritor como “talvez o mais bem aparelhado culturalmente” dos nossos ficcionistas (TENDÊNCIA, 1958, p. 102).

Quando saiu o derradeiro número de *Tendência*, em 1962, Guimarães Rosa foi lembrado em várias situações, sendo que os principais membros da revista escreveram ou mencionaram o autor.

No ensaio “A poesia do nosso tempo”, Fábio Lucas citou Cassiano Ricardo que, por sua vez, “baseado em Cruz Cordeiro, fixou em Guimarães Rosa o marco divisório dos estilos, brasileiro e português, da língua”:

O Grande Sertão, Veredas, nos dá a prova terminante de que a língua brasileira não se confunde com a portuguesa, como padrão sintático, idiomático e fonológico. (p. 39) Isto porque pode “o livro ser traduzido para qualquer língua, menos para a portuguesa” (TENDÊNCIA, 1962, p. 69).

É curioso que, já na década de 60, em pleno apogeu da poesia concreta – e o ensaio é justamente sobre modernismo e concretismo – uma discussão antiga, que remonta ao século XIX, reapareça: a diferença entre a língua e a literatura brasileira em relação a Portugal. Ao que parece, para os autores citados, Rosa foi a prova definitiva da independência brasileira.

Em outro ensaio, “Vigília da inteligência”, Fábio Lucas colocou Guimarães Rosa no mesmo patamar de Camões: “Uma aventura literária de alto nível não se repete nunca no curso da História. Inútil reescrever **Os Lusíadas** como inútil seguir as trilhas do **Grande Sertão** de Guimarães Rosa” (TENDÊNCIA, 1962, p. 145).

Já Rui Mourão, sempre preocupado com a questão ficcional, voltou a referir-se ao *Grande sertão: veredas* no ensaio intitulado “Concretismo e nacionalismo”, primeiramente publicado no “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo*. Apesar da grande admiração demonstrada por Mourão ao escritor, evidencia-se uma certa confusão de idéias, reflexo da mistura de leituras que ele devia estar realizando, pelo que se depreende do texto, através das várias citações. Em alguns momentos, não se sabe se Guimarães Rosa estava recebendo uma crítica positiva ou não, em função da ambigüidade presente em dois trechos do artigo. No primeiro, tentando conciliar concretismo e “nacionalismo crítico”, Mourão rebate a acusação feita aos membros de *Tendência* de quererem “realizar uma arte antropofágica, de inspiração sociológica e, por isso mesmo, ainda vinculada a uma estética expressionista” (TENDÊNCIA, 1962, p. 122):

Desejando realizar uma arte brasileira, não procederemos jamais como os nossos numerosos regionalistas, de inspiração sociológica, folclórica ou política. Não vamos ao encontro dos temas brasileiros; desejamos saber simplesmente como o tema do homem se apresenta no Brasil. Não confundimos essência com aparência. Sob que argumentos, portanto, poderíamos ser tachados de caudatários do expressionismo, que não passa de estética epidérmica do aparente, seguida de idealização? A legião dos nossos primitivos merece essa pecha; nós, em absoluto. Guimarães Rosa talvez tenha pago tributo a isso, não só quando desenvolveu o mais gigantesco esforço de que se tem notícia para fixar o típico em função de um hedonismo gratuito, como quando cultivou o personalismo, através de personagens inspiradas ainda numa concepção idealista do mundo e que parecem de certa forma impostas à nossa atualidade, quando os mitos já foram todos desmoralizados. Não parece significativo que o romancista tenha utilizado sugestões de cavalaria andante, procurando enxergar a nossa realidade através de uma perspectiva medieval? (TENDÊNCIA, 1962, p. 123).

O excerto mereceria várias observações, mas vamos ressaltar apenas que Rui Mourão, ao tentar conciliar suas posições, principalmente em relação ao grupo paulista de *Noigandres*, enveredou por uma linha argumentativa, no mínimo, pouco clara. No final do ensaio, recordando que havia escrito uma nota sobre *Grande sertão: veredas* no primeiro número da revista, encerrou dessa maneira seu texto:

...o futuro e autêntico romance brasileiro seria aquele que não isolasse o país em áreas estanques, mas englobasse o norte e o sul, o leste e o oeste, a cidade e o campo, exprimindo a dinâmica de um processo dialético que

é uno e somente pode ser compreendido na sua totalidade. Tive a satisfação de ver esse ponto de vista confirmado por Sartre que, na recente visita que nos fez, colocou a questão em termos rigorosamente idênticos, ao insistir que o problema mais relevante para o ficcionista é fixar os conflitos sociais de seu povo (TENDÊNCIA, 1962, p. 125).

Em *Tendência* 1, Rui Mourão fez a ressalva de que os jagunços rosianos não apresentavam “razões sociais e sociológicas determinantes dessa forma de vida”, ao passo que, em *Tendência* 4, disse que “não procederemos jamais” – referindo-se aos membros da revista – “como os nossos numerosos regionalistas, de inspiração sociológica, folclórica ou política” (TENDÊNCIA, 1962, p. 123). Se ele concordava com o ponto de vista de Sartre, segundo o qual o escritor deveria “fixar os conflitos sociais de seu povo”, como fazê-lo sem a tal da “inspiração sociológica” ou “política”? A escolha dos conflitos sociais brasileiros para tratamento literário já seria política e o próprio Sartre, inspirador de Mourão, fazia ficção engajada.

Ao que tudo indica, Rui Mourão continuava, no número quatro da revista, assim como nos outros anteriores, a procurar uma forma para o romance brasileiro, o que o levava a fazer previsões para o futuro da ficção em nosso país. A aspiração parecia ser a composição de elementos urbanos com rurais, buscando uma totalidade englobante, representativa do país.

Já Affonso Ávila, ao escrever sobre o livro *Duas faces*, de Ivan Ângelo, em parceria com Silviano Santiago, reconheceu o esforço do primeiro na busca de invenção formal e de caminhos próprios de expressão, indicando, contudo, as influências sofridas por ele: Faulkner, Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Nesse caso, foi apontada a recepção indireta da obra de Rosa por um autor que, apesar de não pertencer ao grupo *Tendência*, foi acolhido pela revista em uma resenha.

Em outro ensaio sobre as trocas culturais, políticas e econômicas entre Minas e São Paulo, Ávila lembrou a passagem marcante de Mário de Andrade pelo território mineiro e as conseqüências dessa viagem para os modernistas mineiros. Guimarães Rosa é incluído entre aqueles que teriam respondido às provocações modernistas com obras de grande quilate.

O que procuramos realçar é a importância do contato com Oswald, Mário e outros homens da Semana, à qual o modernismo mineiro retrucaria, dentro do mesmo espírito vitalizador, com a obra de um Drummond e, mais recentemente, com “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa (TENDÊNCIA, 1962, p. 161).

Para Ávila, Guimarães Rosa estaria na mesma linha de continuidade do modernismo mineiro da década de 20, cujo representante máximo – Drummond – se inspiraria em Mário de Andrade. Essa idéia de que havia uma tradição modernista, à qual *Tendência* se vincularia, é importante salientar porque norteou, em grande parte, o trabalho do grupo na sua procura por um “nacionalismo crítico”.

A partir da leitura que fizemos de *Tendência*, podemos afirmar que Guimarães Rosa foi muito bem recebido pela revista. De suas três obras citadas e/ou analisadas, *Sagarana*, *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*, a última foi merecedora de maior atenção. Notamos também que, entre os membros da revista, Rui Mourão foi quem mais comentou a obra de Rosa, talvez por se dedicar, ele também, à escrita de ficção. Quanto aos artigos de outros comentaristas incorporados à *Tendência*, nenhum deles se posicionou de forma negativa em relação à obra rosiana.

REFERÊNCIAS

- TENDÊNCIA. Belo Horizonte, n.1, ago 1957.
TENDÊNCIA. Belo Horizonte, n.2, jul. 1958.
TENDÊNCIA. Belo Horizonte, n.4, jul. 1962.

